

A *PARRESÍA* NO FEMININO, INFÂNCIA E CINEMA-ESCOLA

Marcelly Camacho Torteli Faria¹

Wenceslao de Oliveira Machado Júnior²

Resumo: As imagens construídas em torno da ideia de feminino e escola emergiram de livros, histórias, filmes e também de um referencial que marca, e, escapa, em relação aos poderes e instituições vigentes, nos mais diferentes tempos: escolas sáficas, platônicas, socráticas e cínicas. Escolas como espaço aberto e práticas de liberdade. *Cinema-escola*. Foucault (2011), em *A coragem da verdade*, seu último curso, ministrado em 1984 no Collège de France, nos faz pensar a educação de forma artística e revolucionária. Partindo do conceito de *parresía* no universo greco-romano é possível a leitura da verdade filosófica vinculada a *Eros*, ao *cuidado de si* e dos outros, a criação da vida com o feminino em uma *poética da existência*.

Palavras-chave: Feminino, *Cinema-Escola*, *Parresía*, Vida, Criação.

PARRESIA EN CINE FEMENINO, INFANTIL Y ESCOLAR

Resumen: Las imágenes construidas en torno a la idea de lo femenino y de la escuela surgieron de libros, cuentos, películas y también de un referente que marca y escapa en relación a los poderes e instituciones vigentes, en las más diversas épocas: sáfica, platónica, escuelas socráticas y cínicas. La escuela como espacio abierto y prácticas de libertad. *Cine-escola*. Foucault (2011), en *El valor de la verdad*, su último curso, impartido en 1984 en el Collège de France, nos hace pensar en la educación de una manera artística y revolucionaria. Partiendo del concepto de *parresia* en el universo grecorromano, es posible leer la verdad filosófica ligada al *Eros*, cuidar de uno mismo y de los demás, la creación de la vida con lo femenino en una *poética de la existencia*.

Palabras clave: Femenino, Cine/Escuela, *Parresia*, Vida, Creación.

¹ Professora do Curso de Psicologia da Faculdade Santa Lúcia. Doutoranda em Educação na área de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte da UNICAMP e integrante do Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO. Mestrado em Educação na área de Educação, UNICAMP, integrando os Grupos de Pesquisa: Interdisciplinar em Sexualidade Humana e Transversal. Bacharel e Licenciada em Psicologia pela UNIMEP. E-mail: marcellycamacho314@gmail.com.

² Professor no Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação/Unicamp. Pesquisador no Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO e Coordenador do Projeto “Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas” [Fapesp 2018/09258-4]. E-mail: wences@ubnicamp.br.

Esboço de *parresía*

A leitura da obra de Michel Foucault, *A coragem da verdade*, no *Curso do Collège de France (1983-1984)*, e, outras obras correlatas como *A hermenêutica do sujeito*, *O governo dos outros*, *Ditos e escritos*, bem como os estudos de alguns comentadores do filósofo, nos lançou o desejo de problematizar o conceito de *verdade*, em uma miríade de sentidos e espaços/tempos. Segundo Foucault (2011), a *parresía*, o discurso verdadeiro, nasceu no contexto da tragédia grega, com Eurípedes, como uma verdade que se anunciava através de uma revelação divina. Ele nos leva ao mito de Íon e podemos pensar também às diferentes versões do mito de Édipo para vislumbrar sua forma de expressão. Então, a *parresía* se desdobra, está na filosofia de Sócrates, Platão e Aristóteles. De uma *parresía* política, em que o poder da fala pertencia somente aos cidadãos da *pólis*, para o envolvimento em um discurso verdadeiro, falar franco, na relação parresiástica com o príncipe. No *Laques* de Platão, por exemplo, emergindo uma ética da existência (a formação do sujeito), através de uma aprendizagem do *cuidado de si*, e dos outros, que resultaria em um conhecimento de si e possibilitaria um “bem governar”. O processo de construção do sentido de *parresía*, verdade, atingiria seu ápice com a filosofia dos cínicos, apagada, no entanto, da tradição filosófica. A verdade deixa de ser um risco para quem a enuncia em um discurso, pois a *parresía* encontra, agora, sua expressão na própria forma de vida, arriscando-se na expressão de uma *vida outra* que rompe com os padrões vigentes da sociedade. *Arrisca-se viver, se expor*. É o escândalo cínico, seu nomadismo e miséria. Uma vida filosófica tecida pelo humor e a irreverência.

Em todas as suas formas, a *parresía* se configura como um ato filosófico de reinvenção da própria filosofia. Ao mesmo tempo, vai se constituindo como algo heterogêneo, em criação, como em um jogo de forças para o exercício de uma ética. A ética é um livre exercício em busca da verdade, um ato crítico e infindo; criativo e poético. O *ethos* sendo um espaço mobilizado por *Eros* e *Phyqué*, em diálogo com formas de vidas diferentes, concretas, diárias e verdadeiras, sempre atentas ao *cuidado de si*. Neste sentido, a *parresía* configura-se como um processo em sintonia com todo o legado da obra de Foucault, vida e pensamento do filósofo, questionador das formas de produção e exercício dos saberes, poderes e suas verdades, sempre

relativas, impositivas e circunstanciais, bem como os seus efeitos na constituição das subjetividades.

Assim, *a coragem da verdade* funciona como crítica ao instituído, apostando na possibilidade de criação de uma *vida outra*. *Vida outra* difere de outra vida, porque esta última pode nos capturar na extensão de um universal para além do presente, algo absoluto e ideal. A *vida outra*, por sua vez, é imanente, uma das múltiplas faces do *cuidado de si* e dos outros. Assim configurando uma ética da existência em que a vida aparece como obra de arte, na relação corporal com a natureza e as singularidades.

Em sua aula de 1984, e também na obra *O governo de si e dos outros, Curso no Collège de France (1982-1983)*, o filósofo francês destacou as transformações na história da *parresía*, atestada primeiro na tragédia, como o direito do cidadão de falar publicamente (*parresía política na democracia*³) para expressar uma visão que interessa à cidade. Essa forma de *parresía* entra em crise. Assim, de acordo com Foucault, pode-se encontrar nos questionamentos de Platão e Aristóteles que o exercício do falar franco é impossível na democracia, uma vez que, nas relações políticas, impera o oposto do que sucede na *parresía*, que se traduz pela busca do convencimento. Ou seja, a atividade retórica impera na democracia, e, por esse aspecto, a verdade pode até ser enunciada, mas seu objetivo é, antes, convencer e agradar seu interlocutor.

Uma *politeia democrática* é uma constituição na qual os que são governados sempre têm a possibilidade de se tornar governantes. O problema que ele coloca é o de saber como a diferenciação ética pode [tomar] lugar em face do princípio de alternância governados/governantes (FOUCAULT, 2011, p. 46)

O exercício *parresiástico* implica um risco, tanto no sentido da exposição desse falar franco, como de seus efeitos e consequências na esfera individual e coletiva. Há, portanto, a transformação da *parresía* em seus limites democráticos e políticos para salvação da cidade, em uma *parresía* que se constitui na *psiqué* dos indivíduos, e busca a constituição do *ethos* de cada um, de forma artística. Também

³ É importante destacar que na democracia ateniense, como sabemos, não participavam mulheres, crianças, servos e escravos, pois não eram considerados cidadãos, e, assim, não tinham o direito a fala na Ágora.

a ética inaugura um modo diferente de *cuidado* e *governo de si* e dos outros. Não mais, uma verdade revelada, ou pré-estabelecida, mas a ser construída com os outros.

Destaca-se a valorização da monarquia em lugar da democracia como espaço em que se pode exercer a *parresía* na relação com o príncipe; o dizer a verdade acerca do *cuidado de si* e dos outros, como a possibilidade do bem governar. O Sócrates de Foucault é o *parresiástico*. Arriscou-se dizer a verdade e pagou com a própria vida. Para Foucault, a dimensão ética como *cuidado de si* e dos outros (cidade) iniciou-se com Sócrates, na Idade Clássica, tendo seu apogeu no período Helenístico. Segundo ele, entretanto, tanto a Filosofia Antiga quanto a leitura que dela se fez posteriormente, desprezou a prática do *cuidado de si* em sua tradição educativa e cultural, tendo privilegiado a questão do conhecimento, o *logos*, (conhece-te a ti mesmo), ou seja, a racionalidade abstrata e transcendente.

Assim, o processo culminou na reversão cínica da *vida verdadeira* em *vida outra*. Foi quando a *parresía* encontrou seu solo mais fértil e intensivo na experiência da vida cínica. A *parresía* não mais sendo tecida no plano do discurso, e sim na própria vida. A *parresía* como multiplicidade heterogênea envolve todas as suas formas:

1. Bravura política do dizer a verdade [...] consiste em dizer algo diferente, algo contrário ao que pensa a Assembleia ou o Príncipe [...] é pela verdade que o homem político, se for corajoso, arrisca a vida [...] 2. Ironia Socrática: consiste em arriscar à cólera, à irritação, à vingança, de parte das pessoas, até mesmo a ser processado por elas, para conduzi-las a despeito de si mesmas, da sua alma e da verdade [...] tratava-se de introduzir dentro de um saber que os homens não sabem que sabem uma forma de verdade que os conduzirá a cuidar de si mesmos. 3. Escândalo Cínico: conseguir fazer condenar, rejeitar, desprezar, insultar, pelas pessoas a própria manifestação do que elas admitem ou pretendem admitir no nível dos princípios. Trata-se de enfrentar a cólera delas dando a imagem do que, ao mesmo tempo, admitem e valorizam em pensamento e rejeitam e desprezam em sua própria vida (FOUCAULT, 2011, p. 205-206).

Viver é perigoso. Neste cenário arrisca-se a vida, não apenas por falar a *verdade*, mas pelo próprio modo como se vive. Vida nua, exposta. Expõe-se a vida, quer dizer, mostra-se, arrisca-se na vida. Expõe-se a vida não por seus discursos, mas por sua própria vida. É a vida filosófica, o legado dos cínicos.

Parresía e o feminino: novas cartografias

Será possível o exercício da *parresía* no feminino? Espaços marginais, diferentes traçados e caminhos, grafias, *heterotopias* e mapas inventados. O feminino como território em criação a ser experimentado. Se a verdade é perigosa, arriscada e exige coragem é porque também plural e contraditória, envolve uma relação entre a *escrita de si* e a vida, a literatura, a filosofia, o cinema, a “escola”, o mundo em sua relação direta com as múltiplas verdades e forças que tais implicações mobilizam.

Tania Mara Galli Fonseca e Carlos Antônio Cardoso Filho no livro “Cartas a Foucault” (2014), no capítulo, “O silêncio do arquivo”, destacam em Foucault o revolucionário da história, o novo arquivista a que se referia Deleuze. Para se escrever a alguém como ele, precisavam reunir forças, respirar um pouco mais para intensificar a vida e ter a coragem de percorrer a noite do arquivo, as vozes silenciadas ao longo da história. Essas vozes podem ser tantas: a dos loucos, dos negros, das mulheres, dos homossexuais, das crianças... A história dos vencidos/as⁴, como diria Walter Benjamin (1994, p.223). Desse modo afirmaram que, na escrita da carta para Foucault, este tornara-se um intercessor em quem buscavam amparo face os desafios da pesquisa, da vida e dos problemas contemporâneos. Uma relação de amizade em que cultivavam a forma de conhecê-lo reinventando-o. A escrita de cartas é uma prática de si, do *cuidado de si* e dos outros.

Por que continuamos a lhe escrever? Não é a primeira vez, não será a última. Medo do vazio? Incapacidade de aturar o silêncio? Talvez. A não ser que o silêncio seja justamente aquilo que procuramos, como a estranha atração que temos pela vertigem. Não é fácil chegar ao silêncio. O ruído, o murmúrio do mundo, e de nós mesmos, nunca nos abandona. Mas, quando lhe escrevemos, de algum modo chegamos a esse silêncio ao mesmo tempo tão profundo e superficial, tênue e primordial. Silêncio da morte, diriam. Você diz, “silêncio da amizade”. E essa ideia, essa experiência o fascinava, não? De uma amizade que pudesse ser baseada no silêncio das palavras, em que não fosse preciso comunicar mais nada, pois não haveria mais nenhum

⁴ A “história das vencidas”, breve referência ampliada ao gênero feminino, que a professora Tessa Moura Lacerda atribuiu ao conceito de Walter Benjamin (1994) em sua tese “Sobre o conceito de história”, ao se referir a história dos excluídos, ou seja, daqueles que tiveram suas histórias silenciadas do discurso oficial. Cf. a conversa “Feminismos e Filosofia” com a professora Tessa Moura Lacerda no Canal Agenciamentos Contemporâneos, 16 de out. de 2020, disponível em: <https://youtu.be/cdoTaw5VNHY> (Acesso em 16/10/20). No presente artigo, utilizaremos a barra para separar e unir o que se convencionou chamar de gênero feminino e masculino, com vistas a tecer um sentido de atravessamento entre eles/as, potencializando a ideia da criação de um hibridismo e uma mistura a partir das experiências culturais que podem ser libertárias, mas também capturar-nos em suas exigências instituídas de identidades *a priori*, homogêneas e heteronormativas.

propósito, nada além do simples fato de estar junto. Escrevemos para não precisar mais escrever, para chegar ao silêncio. Escrevemos para ser digno desse silêncio, dessa amizade, mesmo que tardia (FONSECA; FILHO, 2014, p. 76).

As *artes da existência*, como formas do *cuidado de si*, proposta por Foucault em sua leitura dos gregos, pode nos levar à conexão entre *Eros*⁵ e *parresía*. Desse modo, uma trilha nos conduz da *Arqueologia dos saberes à História da sexualidade* e à *A coragem da verdade*, considerando que a vontade e o desejo de saber – a curiosidade - implicam a criação de uma erótica singular. Para John Rajchman (1993) desde a Antiguidade, *Eros* é uma questão central na prática filosófica; integrava a experiência da *parresía* socrática, exercida no contexto do *logos*, limitada ainda a uma espécie de domínio de si e dos outros, como uma das práticas de liberdade viril. Segundo Rajchman (1993, p.159), durante o período antigo não houve o *amour fou* [amor louco] que somente ganhou expressão com Ovídeo (43 a.C. - 17 ou 18 d.C.), poeta latino das *Mefamorfoses* (*Metamorphoseon*) e *Arte de Amar* (*Ars Amatoria*).

A poeta Safo e alguns outros personagens-artistas como, por exemplo, Dioniso, no contexto das tragédias, e Sócrates e Diótima, atravessando os campos do sagrado e da filosofia no *Banquete* de Platão, vão tecendo uma série de histórias a partir de *Eros* e *Afrodite*, seguindo de Sade até Freud, passando por Nietzsche, Lou-Andreas Salomé, Baudelaire, Masoch, Proust, Sartre, Bataille, Simone de Beauvoir, Benjamin e outros/as ao que poderíamos denominar as diferentes abordagens em torno de *Eros*, nas mais diversas épocas. Segundo Foucault, no legado dos cínicos, filósofos marginais, andarilhos e esquecidos pelos gregos clássicos e suas respectivas tradições, a filosofia se constitui como um estilo de vida. Neste sentido, poetas, professores, escritores, pensadores livres, entre outros/as, também serão considerados criadores e filósofos da arte da *parresía*. Neste múltiplo cenário, *Eros* e

⁵ Para Rajchman (1993 p. 161-162) o *Eros* da filosofia de Foucault é a “curiosidade” que questiona a razão e as normas; não é a contemplação da razão e de regras aplicáveis e universais, mas a necessidade de invenção de outras formas de vida; *Eros* tampouco se configura como uma nostalgia pelo que passou, nem uma previsão acerca do futuro. É “curiosidade” singular, a *vontade de saber* que mergulha nos perigos da vida para, então, resolver problemas que carecem de “métodos de solução”; é apostar nas características problematizantes de nossa história que nos impelem a criação. Mas esse inédito não se produz segundo os referenciais de uma seita e uma escola *a priori*. Trata-se de uma “curiosidade” que inventa novas experiências nas relações com o mundo e os outros, mobilizada pela “perda das garantias de quem somos e podemos ser, abrindo espaços em que ninguém ainda é mestre”.

a *parresía* ética adentram à filosofia contemporânea. De acordo com Rajchman (1993), ao se reportar a Georges Bataille⁶, Foucault destaca a experiência do erotismo e da sexualidade na transformação de seus limites, na própria transgressão da moral vigente e imposta como governo do “eu” e dos outros. Se experimentamos essa intensa viagem no tempo, nos reportando à Antiguidade, é porque Foucault nos desafia à leitura das diferenças entre a ideia do “eu” (moderno) e o conceito de *si* (antigo), este último ainda não capturado pelas maquinarias da política, da polícia, da religião e das ciências modernas.

Por esta mirada, a escrita, como busca de *si*, envolve o cuidado com os outros e pode se realizar na forma de uma série de práticas, entre elas a alteridade. Segundo Margarete Rago (2013), contar-se é uma aventura e as pesquisas feministas têm apontado que a transformação – transgressão? - do método científico ao integrar a liberdade de nossas diferenças de escrita com o *Eros* feminino:

O feminismo não apenas tem produzido uma crítica contundente ao modo dominante de produção do conhecimento científico, como também propõe um modo alternativo de operação e articulação nessa esfera. Além disso, se considerarmos que as mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina, ao menos até o presente, uma experiência que várias já classificaram como das margens, da construção miúda, da gestão do detalhe, que se expressa na busca de uma nova linguagem [...] é inegável que uma profunda mutação vem-se processando também na produção do conhecimento científico (RAGO, 2013, p.3).

Em uma composição do/s feminismos, estão previstas não somente dimensões teóricas, mas também questões práticas como territórios de vidas femininas atreladas às experiências cotidianas na escola, ao literário e ao visual em uma criação artística e *ética da existência*. Segundo Carla Rodrigues (2019, p.41), podemos considerar dois marcos: De Simone de Beauvoir a Judith Butler há um processo de ampliação no conceito de feminino. Simone de Beauvoir (2002) denuncia a universalidade do masculino e abre novas possibilidades para o feminino e a mulher. Judith Butler (2017) ao problematizar e desconstruir o par binário de sexo/gênero, simultaneamente, amplia as possibilidades de um feminino plural, heterogêneo, refletindo a opressão relacionada à homossexualidade e a diversidade sexual e de

⁶ O erotismo. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

gênero, também em relação ao masculino, indicando, talvez, se pudessemos acrescentar, uma mistura dos “gêneros” em nossa experiência de si.

Judith Butler também inovou na abertura às singularidades denunciando a divisão absoluta entre as categorias sexo/gênero que costuma funcionar para o controle de indivíduos submetidos às normas e que, além disso, prescreve ideais de corpos constringendo aqueles que são diferentes, “abjetos”, somente por não serem reconhecíveis dentro dos padrões (RODRIGUES, 2019, p. 41).

As imagens construídas em torno da ideia de escola tiveram sua inspiração em filosofias, livros, histórias, filmes, experiências, literatura e também naquilo que marca e diverge em relação aos poderes e instituições vigentes, nas mais diversas épocas. Todos e cada um, a seu modo e tempo, seguiram fazendo “escola”: escolas sáficas, platônicas, socráticas, cínicas. Escolas tradicionais, religiosas, escolas como espaço aberto, como instituições populares, padronizadas e autoritárias, também inovadoras e libertárias, públicas e privadas, enfim, escolas. Escolas e imagens como desenhos, fotografias, escritas, construções e sentidos que emergem a partir das coisas e suas histórias.

Podemos dizer que as imagens são partes cada vez mais intensa da multiplicidade que compõem o espaço atual. Na esteira destes pensamentos, a presença das imagens é de grande importância no modo como pensamos e agimos na realidade, no espaço geográfico. Essas imagens podem ser tomadas tanto como parte das práticas discursivas – signos de uma linguagem - quanto como objetos do mundo – obras da/na cultura (OLIVEIRA, 2009, p. 18).

Poderíamos afirmar que as escolas também são constituídas e transformadas pelas imagens que se criaram em torno dela e que continuam sendo produzidas e veiculadas, tanto pelos meios de comunicação de massa, como nos circuitos de artes, cinema e educação que retratam experiências singulares na produção de imagens das escolas, por exemplo, nas escolas de educação infantil da rede municipal de Campinas, Regente Feijó e Cha IL Sun que tem um Cineclube ativo e funciona em parceria com um projeto de pesquisa e extensão universitária da Faculdade de Educação da UNICAMP.

Foucault, em sua *Coragem da verdade* (2011), nos faz pensar a experiência de aprendizagem, segundo as artes e poéticas da existência, traçando uma verdadeira ética do viver, mergulhado em leituras singulares da filosofia greco-romana

Criar Educação, Criciúma, v. 10, nº 2, ago/dez. 2021 – PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

e moderna. Não no sentido de reproduzir velhos padrões, mas como possibilidade de diferentes leituras e criações em face os sedimentos capturados de nossa cultura heteronormativa, neoliberal e colonial⁷. As múltiplas leituras do conceito de *parresía* nos levam às diferentes verdades e sentidos que não se esgotam em uma unidade teórica universal, mas se constituem como experiências de composição. Isso implica o *cuidado de si* e dos outros, atravessado pela busca do conhecimento nas práticas éticas e poéticas da existência, em processos educativos. Como em um jogo, deslocamos algumas imagens criadas e fabricadas, peças e sentidos, envolvendo o *cuidado de si* masculino e o *logos* feminino no projeto *Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas?*

Figuras 1 e 2: Frames de filmes realizados no Projeto *Lugar-escola e cinema*



⁷ A respeito do questionamento e debate em torno do processo colonizador, moderno e racional, inclusive, implicando as questões de gênero, há uma extensa bibliografia que no momento não será possível abordar. Para efeitos de esclarecimento, no presente artigo, consideramos que a busca pela *parresía no feminino* nas experiências com o *cinema-escola*, envolvem necessariamente a abordagem e valorização dos saberes ancestrais, latinos e os demais conhecimentos, em uma perspectiva crítica e criativa, uma vez que todas as formas de produção e circulação dos saberes implicam uma série de relações entre poderes, como nos ensina Foucault. Cf.: QUIJANO, A. *Colonialidad Y Modernidad /Racionalidad*. Perú Indíg. 13(29): 11-20, 1992. DUSSEL, E. Europa, Modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, E. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, Clacso, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005. MIÑOSO, Y. E.; CORREAL, D. G.; MUÑOS, K. O. *Tejendo de outro modo: Feminismo, epistemologia y apuestas descoloniales em Abya Yala*. Popayán: Editorial Universidade del Cauca, 2014.



Fonte: Frame do filme *Corram que as crianças vêm aí*⁸ e *Estamos brincando*⁹, respectivamente.

O projeto de pesquisa e extensão intitulado *Lugar-escola e cinema: Afetos e metamorfoses mútuas*¹⁰, como desdobramento do Programa Cinema & Educação nas escolas municipais de Campinas, SP, em parceria com o Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO, da Faculdade de Educação da Unicamp, funciona associado ao Cineclube Regente/Cha e se propõe a reinventar o espaço/escola como um território de afetos e composições múltiplas. Atentos às relações entre adultos, crianças, idosos, jovens, femininos e masculinos na educação, o trabalho exprime algumas das múltiplas faces que as culturas latinas estabeleceram em nosso continente, através de acontecimentos registrados em fotografias e filmes produzidos por

⁸ Cf. Filme: *Corram que as crianças vêm aí* (direção Rozeli Lemos de Melo, turma das girafas, Campinas, 2018) no Canal do Cineclube Regente/Cha. Disponível em: <https://youtu.be/w2OifRDRc0g>.

⁹ Cf. Filme *Estamos brincando* (direção Sandra Amaral, turma das borboletas, Campinas, 2017), Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3CKFBfL-GbQ>, integrando o acervo do Canal do Cineclube Regente/Cha. Para produção e veiculação dos filmes envolvendo imagens das crianças, a equipe de pesquisa do Cineclube Regente/Cha tem arquivado as autorizações dos familiares e/ou responsáveis pelos/as menores.

¹⁰ Projeto financiado pela Fapesp [processo 2018/09258-4] constituído pela equipe de bolsistas professores/pesquisadores e artistas: Sandra Regina de Freitas Amaral, Mauro Antônio Guari, Rozeli Lemos de Melo, Juliana Pereira da Silva Oliveira, Mônica Araújo da Silva e Wanessa Souza de Oliveira, sendo coordenado pelo professor Wenceslao Machado de Oliveira Junior, da Faculdade de Educação/Unicamp. Passei a integrar o grupo como pesquisadora de doutorado no ano de 2020, em busca de investigar as *cartografias femininas* nas experiências de infâncias com o cinema/escola.

professoras/pesquisadoras (es) na relação com as crianças, a vida, as artes e as viagens em diferentes territórios do *cinema-escola* na educação infantil, também os inúmeros espaços em que se configuram as experiências entre o corpo e o mundo.

O Cineclube Regente/Cha atua em duas escolas de educação infantil, a CEI Regente Feijó e Cha IL Sun, desde 2016. Realiza suas atividades de cinema e educação, envolvendo as referidas escolas da primeira infância da rede municipal de Campinas (SP), com frequentes participações nos circuitos das artes cinematográficas e da educação, dentre inúmeros exemplos, podemos citar alguns deles: Mostra Kino Campinas, *Esquizogesto*, CINEOP, Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis e também em festivais da América Latina.

O cinema em diálogo com o seu *dever-feminino*, imagens silenciadas, os gestos sonoros e as cores audíveis na composição de pequenos filmes produzidos por alunos/as, professores/as e pesquisadores/as. Nossa busca é inventar novas cinematografias em contato com a vida dentro e fora das “escolas” e nas artes (antigas e atuais), fazendo emergir diferentes imagens de infância e do feminino em novas, velhas e diferentes formas de se *fazer escola*.

Imagens e cinema que criam escolas

Ao traçar cartografias femininas acenamos para a magia dos encontros que nos levam a pensar de diferentes modos. A aposta vai se configurando, neste sentido, com as experiências de grupos de pesquisa da Unicamp que integram os saberes acadêmicos com projetos audiovisuais nas escolas da rede pública do município de Campinas, fazendo, da leitura filosófica e artística uma prática intensiva, cotidiana e viva. O Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO permite a constituição dessas redes e *Comunidades de aprendizagens com o cinema*¹¹ em que ingressamos com

¹¹ Atividades de pesquisa e experiências de campo envolvendo cinema/educação, escola e universidade, promovidas pelo grupo de pesquisa OLHO/Unicamp e também durante o Seminário temático *Comunidades de aprendizagens com o cinema*, ministrado pelo professores Carlos Miranda e Wenceslao Oliveira.

uma nova abordagem ao investigar o(s) feminino(s) nessas experiências ao longo dos tempos¹².

Desde a “pré-história” o feminino se traduz em imagens belas, assombrosas e enigmáticas que se misturam à natureza em estado de constituição mútua com o/a humano/a. O mistério do vermelho¹³ nos corpos que também eram (e são) mistérios.

As imagens que produzem escolas são múltiplas e perfazem uma série de trilhas, caminhos, espaços e até mesmo instituições. Escolas no sentido de experiências de vida e aprendizagem que não se limitam aos espaços instituídos, mas atravessam diferentes espaços físicos e de agenciamentos na produção de subjetividades.

No período grego arcaico são inúmeras as lendas e imagens que circulam em torno da figura de Safo, poeta e tocadora de lira, confeccionou o próprio instrumento, e, viveu em Mytilene de Lesbos (final do século VII e começo do século VI A.C.), a primeira poeta do mundo ocidental. De sua lírica erótica, 9 livros, restaram apenas 3 poemas, fragmentos em composição (FONTES, 1992, p.13). A Safo, personagem apaixonada pelo barqueiro Faon, aparece em Ovídio, mas também no filme *Safo, a Vênus de Lesbos*¹⁴. Há também uma imagem-mito de Safo como a professora das *meninas em flor...* A Safo lésbica e “moderna” como aparece nos versos de Baudelaire, “viril, amante, poeta e lume” (FONTES, 1994, p.115).

Não sabemos se realmente houve uma escola sáfica, mas a figura da poeta reverbera em todos nós, amantes de sua lírica musical. Fragmentos e histórias que produzem imagens, poesias, canções e filmes na relação com *Eros*, as artes e a

¹² Por feminino/s “ao longo dos tempos” consideramos as séries de imagens, histórias, mitos e figuras relacionadas aos diferentes sentidos que a palavras ganhou, nos diferentes âmbitos das culturas e das experiências, capazes de recriá-las.

¹³ Cf. a investigação realizada por Simone de Beauvoir (2002) a partir dos saberes da etnografia, história e dos mitos em relação aos diferentes modos de vida nômades até as sociedades e culturas em nossos dias, como se estabeleceu a hierarquia entre os sexos a partir da relação entre os corpos, os grupos e as formas de habitação dos espaços. Ainda que se ignorasse a participação masculina na procriação, muitos povos ancestrais associavam a menstruação com a natureza que se concretizava misteriosamente no corpo das mulheres. O mênstruo era um mistério temido pelas comunidades que isolavam as mulheres durante o período. A constituição da hierarquia entre os sexos, já existia desde os primórdios das civilizações, e, mesmo antes de ser institucionalizada, já era vivida no cotidiano das comunidades, sendo mais branda entre os nômades e mais severa entre os agricultores, consolidando-se e fortalecendo-se em todo processo colonial, especialmente, na era da industrialização e do capitalismo.

¹⁴ *Safo, a Vênus de Lesbos* (direção de Pietro Francisci, Itália/França, 1960).

filosofia de uma *escola inventada*? Uma *escola outra* que pode fazer reverberar na escola formal? Neste artigo, consideramos a possibilidade de fazer uma *vida outra*, uma *escola outra*, através das experiências cotidianas, registradas em imagens com os filmes, textos e fotografias do *cinema-escola*, em nossas vidas dentro e fora das escolas.

Sócrates (470–333 a.C.), ao que tudo indica, não inaugurou uma escola, sua filosofia acontecia em um espaço aberto na *Ágora*. De qualquer forma seus ensinamentos continuaram a produzir os mais variados efeitos até em nosso mundo atual. Sócrates fez escola com sua própria forma de vida, fazendo da ignorância um disparador para a busca da verdade, a *parresía*, mobilizando cada um a pensar, conhecer e *cuidar de si mesmo*. Na leitura de Foucault (2011), Sócrates é um personagem filosófico que inaugura, mais do que o *logos*, uma prática de vida, ou melhor, um exercício filosófico que implica uma ética. Neste sentido, a *parresía* Socrática (FOUCAULT, 2011) afirma uma crítica da democracia como lugar da *parresía* e a valorização do poder pessoal como lugar do dizer-verdadeiro ético. A verdade não é mais, simplesmente, como nas tragédias de Eurípedes, e também, na sociedade ateniense, um privilégio a ser exercido como um direito do cidadão, mas se configura como uma prática, que tem como ponto de aplicação primeiro, não mais somente a cidade (*a pólis*) ou os corpos a convencer, mas um parceiro a que ela se dirige e um domínio em que adquire os seus efeitos, a *psiqué* (a alma do indivíduo). A dupla determinação: *éthos* e *psiqué* se organizam em torno do princípio de dizer-a-verdade que se concretiza agora em um conjunto de operações que permitam a *veridicção* que induz na alma efeitos de transformação.

O personagem-filósofo Sócrates, de Walter Kohan (2003), se desdobra na imagem de uma filosofia da oralidade, de uma infância da própria filosofia. Então, essa personagem do filósofo Sócrates, foi se multiplicando e ganhando diferentes tonalidades na obra de Kohan. Em *O mestre inventor* (KOHAN, 2015), encontramos novas paisagens e histórias da América Latina, corporificadas na personagem do *Sócrates de Caracas*. O livro retrata a trajetória do educador venezuelano, Simón Rodrigues, *mestre inventor* e viajante, que fazia escola por onde passava. Por muitos anos, foi o professor/tutor de Simón Bolívar, o famoso libertador de Nova Granada

(Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Equador e Panamá) do império espanhol, que, por sua vez, também teve como educadora revolucionária, Manuela Sáenz (1797-1856) conhecida como a “libertadora do libertador”¹⁵. E na biografia filosófica *Paulo Freire, mais do que nunca*, Kohan (2019), retoma as personagens de Sócrates (grego e latino) em um diálogo com a vida e a obra do educador brasileiro, Paulo Freire, exilado na época da ditadura no Brasil, que também colaborou com os programas revolucionários de alfabetização na América Latina (Chile, Bolívia e Brasil), Cuba, Espanha, Portugal e também nos EUA (KHOAN, 2019, p. 145).

Mas, de fato, o filósofo Sócrates existiu no mundo antigo e/ou não passou de uma personagem na obra de Platão? De outra feita, Sócrates poderia ter sido uma mulher, um poeta? E, por sua vez, Safo, a poeta do período arcaico, poderia ter sido um filósofo? Homero escreveu mesmo a *Ilíada* e a *Odisseia*? Ou elas seriam fruto de criações populares, orais que foram posteriormente escritas, de forma mais elaboradas? São incontáveis as histórias, mitos e verdades que envolvem esse mundo antigo. Como não se questionar acerca de seus múltiplos mistérios e verdades? De acordo com Octávio Paz (1982, p. 43), “ninguém mais acredita que o povo seja o autor das epopeias homéricas”.

*Alexandria*¹⁶, símbolo cultural de diferentes épocas, retrata a passagem do mundo Antigo para a Idade Média. Final do Séc. IV D.C., o império romano estava em decadência, embora Alexandria, na Província do Egito, ainda mantivesse sua aura e esplendor. No local encontramos uma das sete maravilhas do mundo, a maior Biblioteca da Terra que, ao mesmo tempo, também era o lugar sagrado dos pagãos, conservando ainda algumas divindades do antigo Egito (CÂNFORA, 1989). Em *Alexandria* encontramos o relato da história da filósofa, matemática e astrônoma, Hipatia¹⁷, que viveu em entre os anos 355 e 415 D.C., época de dominação romana em território grego.

¹⁵ Sobre a história da América Latina e o processo de libertação de Nova Granada, conferir a série de tv *Bolívar* (roteiro e direção Juana Uribe, Colômbia, 2019) e também o clássico de Eduardo Galeano *As veias abertas da América Latina*.

¹⁶ Filme: *Alexandria (Brasil)*, *Ágora (Portugal)*, filme espanhol com a direção Alejandro Amenábar, 2009.

¹⁷ Séculos antes de Copérnico (1473-1543) e Galileu-Galilei (1564-1642), Hypatia de Alexandria foi a filósofa (matemática e astrônoma) que inaugurou as primeiras evidências concretas referentes à teoria heliocêntrica, já indicadas também nos estudos de Aristarco de Samos (320 a 250 A.C). Ela retoma o

Poucas fontes históricas relatam a vida e atuação da matemática e filósofa alexandrina Hypatia. Muito do que sabemos a respeito dela foi construído, de maneira que se trataria mais, como bem expressa Dzielska, de uma lenda literária multiplicada por “poetas, romancistas e divulgadores da história” (DZIELSKA, 2004, *apud* MARTINELLI, 2016, p. 64).

No local destacava-se a combinação do templo dos deuses pagãos, a biblioteca/museu e a escola que também extrapolava suas ações nos pátios externos, como em um fazer escola, onde quer que se esteja. Escola-paisagem em que podemos experimentar as relações pedagógicas daquele momento histórico, atravessado por uma série de contradições, com o nosso presente, entrelaçando-se as músicas e memórias inventadas? Em *Alexandria* o ensino acontecia dentro da própria biblioteca-museu, com um grupo de rapazes, provenientes de diferentes lugares e com crenças religiosas variadas, curiosamente orientados por essa filósofa mulher e pagã.

O *cuidado de si* que aparece na obra de Michel Foucault nos leva a personagem de Sócrates, o parresiástico, que, por sua vez, pode nos remeter às imagens-personagens de Safo, Hipatia e também das educadoras-artistas-cineastas, integrantes do Cineclube Regente/Cha, das escolas de educação infantil de Campinas. O conceito de *parresía* nos faz considerar o entrelaçamento da filosofia e da arte com a vida, ainda que em épocas e contextos diferentes, em um projeto ético, estético, poético e cotidiano da existência. O saber, a atenção e o cuidado de si e dos outros, o conhecimento a respeito do ciclo do universo, dos astros, da religião e da política, podem nos remeter também a história da filósofa Hipatia (também traduzida como Hypatia e/ou Hipacia), que acentuava a importância da vinculação do saber com uma ação ética no mundo. Hipatia, olhando o céu com os seus alunos em uma noite estrelada. Imagem que pode nos levar às crianças da educação infantil, tomando banho de sol no jardim, brincando ou em frente às algumas salas de aulas e ao Cineclube que, nessa escola, se abrem para um espaço aberto, o mundo. Cenas poéticas do filme, das infâncias, das escolas, das histórias e da literatura, misturadas com a vida e o cinema. O lirismo e a ousadia da poeta Safo, suas lendas e a ilha-espaço das diferenças (“lésbicas”, filósofas, apaixonadas e artistas?), canções

pensamento de Aristarco e vai questionar a visão geocêntrica dos epiciclos, da teoria de Ptolomeu (100 a 170 D.C).

embriagantes... Que nos embalam a pensar essa ligação transgressora com as/os professoras/es cineastas tecendo diálogos, em diferentes tempos, com os/as alunos/as, reinventado as personagens e histórias do passado, presente e futuro.

Infâncias: o cinema e o feminino na escola

Se Sócrates pode ser considerado a infância da filosofia, o cinema pode ser considerado a infância da escola, de sua própria arte e do feminino? No contexto da *Coragem da verdade*, Foucault destaca a “reversão cínica da vida verdadeira em vida outra”, o que significa ampliar a fala arriscada do *dizer verdadeiro*, nfgftfgvbgtfv4rfedcxfgftfgvbgtfv4rfedcx43weso campo meramente discursivo, para uma forma de vida arriscada na própria experiência. Passagem de um **discurso filosófico verdadeiro** para uma **ação verdadeira** na vida e no mundo. Arriscar-se a falar e a viver a partir de um *fazer verdadeiro* que envolve o *cuidado de si* e dos outros. Ou seja, o *Bios Kynikós*, uma vida verdadeira; a vida verdadeira que é também a vida filosófica, artística e cinematográfica. Porque cada arte tece sua própria visão, território e mundo singulares.

Filosofar não é só uma forma de discurso, mas uma forma de vida, diferente da ciência [...] Arriscam-se a vida, não simplesmente dizendo a verdade, mas pela própria maneira como se vive. Expõe-se a vida, quer dizer, mostra-se e arrisca-se na vida. Expõe-se sua vida não por seus discursos, mas por sua própria vida (FOUCAULT, 2011, p. 206).

As experiências entre educadores/as das crianças pequenas implicam o *cuidado de si* masculino e o *logos* feminino? Mistura e impureza. A verdade como um exercício artístico e arriscado, plural e feminino/masculino. O homem sempre se destacou por seu lugar próprio no interior da cultura. Ele é o essencial e a mulher é o *Outro* (BEAUVOIR, 1980), o inessencial, sempre o segundo número na equação da vida. Não se pode ter clareza do que significa ser mulher ou da(s) verdade(s) que encerrariam o feminino nas diferentes culturas. O feminino como *devir* abertura e possibilidade de construção e desconstrução nas experiências de aprendizagens com as infâncias, os outros (homens e mulheres etc.) e o mundo. Da *arqueologia* do feminino ancestral, poético e filosófico a conexão com as maquinarias do feminino

contemporâneo, experimentando a criação em nossas práticas cotidianas na vida e na educação.

As imagens como *alétheias* (αλήθειες), verdades que aparecem e desaparecem, não podem se fixar por muito tempo porque estão se transformando. São imagens do cinema e também de memórias e esquecimentos. Ancestrais e atuais, Inventadas e impostas. Remexer e fazer reverberar as imagens que são interessantes. Quais são as instâncias que podem revelar as verdades? As dúvidas, as marcas, os encontros, as brincadeiras, os acasos, as imagens fugazes... As imagens de escola e do feminino, na literatura, no cinema, na filosofia e nas artes fazem pensar a conexão entre cada uma destas instâncias. Apostamos que cada forma de expressão artística e de vida tem sua dependência múltipla e sua constituição mútua. De acordo com Silvio Gallo:

[...] a tradição filosófica insiste numa unidade do real, na afirmação de que a multiplicidade e a diferença são apenas ilusórias, aparentes. A partir da imagem do rizoma constitui-se uma posição filosófica que ousa investir no contrário, isso é, afirmar que a realidade é multiplicidade, é diferença. Nessa visão filosófica do mundo, a realidade é multiplicidade. Não podemos falar em uma realidade, mas em múltiplas realidades interconectadas. Em termos de conhecimento, não há uma fragmentação artificial da unidade que precisa ser resgatada, mas é a unidade que é artificial, uma fábula criada por nossas ilusões (GALLO, 2015, p.5).

A *escrita de si* é uma composição integradora, seja com palavras, alimentos, tecidos, imagens, esculturas, jardinagens, músicas, aulas, escolas, cinemas, diálogos, cartas, diários de classe, agendas etc. É um cenário vivo, um convite e um aconchego que permite a expressão da verdade de cada um, que pode ser transformada em uma ética (*ethos*), um dos modos do *cuidado de si* e do outro. Parece a morada da escrita, do poético, de uma cidade que visitamos e nos apaixonamos e inventamos. Espaços de criação. Octávio Paz (1982, p.50) afirmou que “o poema nos revela o que somos e convida a ser o que somos”. Poderíamos acrescentar que o poema nos faz ver quantos somos outros e nos convida a viver todos eles.

É um encontro para a escuta do que somos e as histórias que se foram construindo ao longo do tempo nos diferentes corpos. Páginas do nosso filme-livro, filme-carta e do filme-livro do mundo. Incontáveis fragmentos de memórias, jogos,

desde os mais primitivos e antigos até as infinitas possibilidades de criação com o novo. “A novidade tem suas asas e entranhas no coração da cidade, no marginal, nos becos e nos proibidos espaços das transgressões” (MANGUEL, 2016, p.119).

Fazer escola (KHOAN, 2015-2019) é uma prática de invenção, de *cuidado e escrita de si* e dos outros, de amor e revolução. É um espaço aberto e não pressupõe a unidade nas instituições de controle, mas abre a possibilidade do múltiplo no *cinema-escola*, através das experiências com as diferentes verdades, sempre em criação, das infâncias com os femininos e feminismos.

Referências

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: fatos e mitos, vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2002.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência vivida, vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUTLER, J. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição. Belo Horizonte, Autêntica, 2017.

CÂNFORA, L. A. **A biblioteca desaparecida**: história da biblioteca de Alexandria. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FONTES, J. B. **Variações sobre a lírica de Safo**: texto grego e variações livres. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

FONTES, J. B. Imagens de Safo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 2, p. 113-139, 1994.

FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**: o governo de Si e dos outros II: curso no *Collège de France* (1983-1984). São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FONSECA; T. M. G.; FILHO, C. A. C. O silêncio do arquivo. *In*: FONSECA; T. M. G.; FILHO, C. A. C. **Cartas a Foucault**. Porto Alegre: Sulina, 2014, p.49-77.

GALLO, S. D. **Currículo (entre) imagens e saberes**. p. 1-11, 2015. Disponível em: <http://www.grupodec.net.br/wpcontent/uploads/2015/10/GalloEntreImagensSaberes.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2020.

KOHAN, W. **Infância**: entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

KOHAN, W. **O mestre inventor**: relatos de um viajante educador. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

KOHAN, W. **Paulo Freire mais do que nunca**: uma biografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

MANGUEL, A. **Uma história natural da curiosidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MARTINELLI, A. V. Hypatia de Alexandria: por uma história não idealizada (p.64-82). In: PACHECO, J. (Org.) **Filósofas**: a presença das mulheres na filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

OLIVEIRA JÚNIOR, W. M. Grafar o espaço, educar os olhos: rumo a geografias menores. In: **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 17-28, set./dez. 2009.

PAZ, O. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RAGO, M. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

RAJCHMAN, J. **Eros e verdade**: Lacan, Foucault e a questão da ética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

RODRIGUES, C. Tornar-se mulher, devir feminista. **Revista Cult**: Simone de Beauvoir e os paradoxos do feminino, São Paulo, p. 28- 41, 2019.